

“NÓS A TRANCAMOS VIVA NO CAIXÃO!”: UMA ANÁLISE DOS HORRORES OCULTOS DA PSIQUE EM “A QUEDA DA CASA DE USHER” (1839), DE EDGAR ALLAN POE

Mariana Lima Costa¹

Denise Cardoso Góis²

José Wanderson Lima Torres³

RESUMO: Este artigo investiga os elementos simbólicos do conto “A Queda da Casa de Usher” (1839), de Edgar Allan Poe. Para tal, foi considerado o elo entre literatura e psicologia analítica, com propósito de entender como o escritor explora a psique humana e os aspectos reprimidos e desconhecidos da mente, através de uma escrita complexa, que explora dimensões obscuras do ser humano. O método utilizado foi o descritivo-analítico. A fundamentação inclui os pressupostos teóricos de Jung (2016), Borges Filho (2007), Zweig e Abrams (2011), dentre outros. Dessa maneira, foi feito o estudo dos personagens, da casa e dos elementos góticos. Com isso, o trabalho examina as forças inconscientes que governam o comportamento e a percepção, demonstrando como Poe constrói uma atmosfera de terror psicológico, investigando os medos mais profundos do ser humano.

Palavras-chave: Anima; Casa de Usher; Inconsciente; Psique; Sombra.

“WE LOCKED HER ALIVE IN THE COFFIN!”: AN ANALYSIS OF THE HIDDEN HORRORS OF THE PSYCHE IN “THE FALL OF THE HOUSE OF USHER” (1839) BY EDGAR ALLAN POE

ABSTRACT: This article investigates the symbolic elements in the short story “The Fall of the House of Usher” (1839) by Edgar Allan Poe. To achieve this, the connection between literature and analytical psychology was considered, with the purpose of understanding how the writer explores the human psyche and the repressed and unknown aspects of the mind through complex writing that delves into the darker dimensions of the human experience. The method used was descriptive-analytical. The theoretical framework includes the theoretical assumptions of Jung (2016), Borges Filho (2007), Zweig, and Abrams (2011), among others. Thus, the study focused on the characters, the house, and gothic elements. Consequently, the

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atualmente é mestranda em Letras na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus de Teresina, Brasil. Financiada pela bolsa UESPI. E-mail: marianalimacosta@aluno.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4551-6188>.

² Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atualmente é mestranda em Letras na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus de Teresina, Brasil. Financiada pela bolsa UESPI E-mail: dcgois@aluno.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1586-2681>.

³ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Adjunto III e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Clóvis Moura, Teresina, Brasil. É editor da revista eletrônica dEsEnrEdoS (ISSN 2175-3903). E-mail: josewanderson@ccm.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2304-0681>.

work examines the unconscious forces that govern behavior and perception, demonstrating how Poe constructs an atmosphere of psychological terror, investigating the deepest fears of the human being.

Keywords: Anima; House of Usher; Psyche; Shadow Unconscious.

Introdução

Primeiramente, é importante salientar que Edgar Allan Poe (1809-1849), nascido em Boston, foi um icônico escritor, poeta, editor e crítico literário americano. Filho de um casal de atores, enfrentou uma infância tumultuada, sendo abandonado pelo pai e ficando órfão de mãe aos dois anos de idade. Posteriormente, foi adotado, mas devido à sua vida libertina, recebeu pouco suporte financeiro do pai adotivo. Casou-se apenas uma vez, com sua jovem prima Virgínia, de apenas 13 anos, que faleceu precocemente devido a problemas de saúde. O escritor levou uma vida marcada pelo alcoolismo, vício em jogos e uma existência boêmia. A causa exata da sua morte ainda é um mistério.

No estudo biográfico sobre o autor intitulado "O clássico Edgar Allan Poe", as autoras Cristina Lopes Perna e Paloma Esteves Laitano (2009) dissertam que todas essas questões familiares adversas contribuíram para uma vida problemática e uma mente imaginativa, refletindo-se nos personagens controversos presentes em sua tessitura literária: "O terror presente em suas histórias não seria fruto da sociedade a qual pertencia, mas sim de sua obscuridade interior, de seus medos e aflições, ou seja, das inquietações de um homem atormentado" (Perna; Laitano, 2009, p. 10). Assim, Edgar Allan Poe é consagrado como o *Pai do Horror* na literatura, sendo amplamente reconhecido por seus contos góticos⁴ de temas sombrios e macabros.

Seus heróis com frequência são mentalmente instáveis, enigmáticos, acometidos por fúria assassina ou delírios, exibindo comportamentos que envolvem hipersensibilidade ou percepções extrassensoriais, o que geralmente culmina em finais trágicos para suas narrativas. Seus poemas são carregados de pessimismo e um desejo intenso de escapar de uma realidade angustiante e imperfeita. Poe trabalhou em suas obras os segredos do inconsciente. Antes mesmo da criação das psicologias do inconsciente, o escritor já buscava compreender o que, de fato, ocorre na mente humana, tendo como base sua intuição e capacidade dedutiva e os estudos científicos de sua época. A riqueza de suas produções se deve ao fato de transcender as histórias sobrenaturais e mergulhar profundamente na psique humana por um método autêntico de escrita, com contribuições únicas e inovadoras para o gênero terror e mistério.

Pensando nisso, o conto analisado neste trabalho será "A Queda da Casa de Usher", publicado inicialmente em 1839. Trata-se de uma ficção gótica que aborda temáticas sobre

⁴ A literatura gótica começou no final do século XVIII e se estendeu até o século XIX, sendo um gênero predominante durante o Romantismo. Os contos góticos são narrativas que abordam atmosferas sombrias e misteriosas. Há sempre elementos melancólicos, desconhecidos e sobrenaturais. Os ambientes descritos são envolvidos por temas de terror, medo, decadência e angústia. Porém, mais do que isso, engloba os medos mais profundos do ser humano, as perturbações da mente e natureza do mal.

loucura, medo, culpa, família e isolamento. A ação da trama gira em torno dos gêmeos Usher: Roderick e Madeline. O irmão sofre de ansiedade, hipocondria e hiperestesia⁵. A irmã sofre de catalepsia, doença que simula a morte, na qual a pessoa fica estática, em transe e com membros rígidos; apenas o coração pulsava levemente. O narrador é um amigo de infância de Roderick, que descreve os últimos dias da família, transmitindo ao leitor suas impressões sobre o contexto funesto que presencia.

Diante do exposto, seria a imagem sangrenta de Madeline em pé, após seu sepultamento, uma mera alucinação ou uma manifestação de forças sombrias que ressuscitam os mortos na mansão Usher? Uma coisa é certa: os personagens de Poe parecem nunca estar verdadeiramente mortos nessa dança macabra entre a vida e a morte. Os fantasmas e cadáveres sempre retornam para assombrar os vivos, assim como os dramas e maldições ancestrais, que escapam dos porões do inconsciente para bater à porta do quarto.

Este artigo pretende investigar as simbologias no conto de Poe. Para isso, a análise une literatura e psicologia analítica, com especial atenção aos arquétipos junguianos e à sombra, que representam os aspectos reprimidos e desconhecidos da psique humana. Através de uma abordagem detalhada dos personagens e dos elementos sobrenaturais e simbólicos, busca-se compreender como a casa de Usher e seus habitantes personificam as forças inconscientes que governam o comportamento e a percepção. Diante disso, o presente estudo propicia novas perspectivas de se observar esse famoso conto, que delineia as nuances da psique em meio aos mistérios do inconsciente e suas camadas mais profundas.

1. A casa de Usher: o espelho da decadência humana.

Em “A Queda da Casa de Usher” (2017)⁶, encontramos um narrador autodiegético que participa ativamente da história enquanto a narra em primeira pessoa. Ele se desloca até a melancólica e enigmática casa de Usher após receber uma carta de Roderick Usher, um amigo de infância, que revela estar sofrendo de uma enfermidade mental e implora por sua presença. Ao avistar a residência, ele é assolado por sentimentos de inquietude devido à atmosfera lúgubre que a mansão e seus arredores emanam. O conto inicia com descrições do narrador acerca do que avista e funcionam como prelúdio dos eventos sombrios que irá presenciar:

Envolta nas sombras peculiares que se avizinhavam, avistei ao longe a melancólica casa de Usher. Não sei explicar - mas à primeira vista da construção um insuportável sentimento de angústia invadiu minha alma. Digo insuportável, pois tal impressão não encontrava consolo em nenhum sentimento prazeroso - porque poético - com que a mente amiúde acolhe até mesmo as mais cruéis imagens de desolação e terror (Poe, 2017, p. 53-54)

⁵ Através dos sintomas é possível inferir sobre o tipo de doença, apesar de a invenção da ciência psicologia moderna surgir anos mais tarde.

⁶ A versão utilizada para a análise do conto mencionado está presente em: "Edgar Allan Poe: Medo Clássico – Volume II", publicada em 2017 pela Editora DarkSide.

O espaço observado pelo protagonista desencadeia uma infinidade de sentimentos negativos, que não provêm apenas da edificação, mas também da paisagem ao redor, que o afeta profundamente, suscitando angústia e pavor. Esse ambiente funciona quase como um espelho, refletindo as ruínas internas dos seus moradores. Por esse viés, torna-se essencial analisar o espaço e sua relação com os personagens do conto.

Domício Proença Filho (1986) discorre que o espaço, também chamado de meio ou localização, “envolve as condições materiais ou espirituais em que se movimentam os personagens e se desenrolam os acontecimentos”. Através dele podem-se configurar traços das personagens e mesmo a própria estória” (Filho, 1986, p. 54). Já Borges Filho (2007) apresenta a configuração do espaço a partir da inter-relação entre três elementos basilares: cenário, natureza e ambiente. Cenário, para ele, é definido a partir dos locais os quais há a presença de intervenção humana. Natureza configura-se como local onde não houve a intervenção do homem e ambiente é “a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico” (Borges Filho, 2007, p. 50).

No conto, o cenário é apresentado com riqueza de detalhes, ressaltando sua aparência sombria e enigmática. As paredes lúgubres, as janelas que se assemelham a olhos vazios, a antiguidade excessiva da construção, as tapeçarias escuras, o negrume ébano dos pisos e os troféus fantasmagóricos que chacoalham sob os passos do narrador compõem a atmosfera opressiva da mansão Usher.

A natureza também revela seu caráter obscuro desde o momento em que o narrador chega aos arredores da residência, em um dia de outono, estação em que as flores caem e os dias são mais sombrios. Nuvens baixas e opressivas pairam no céu, enquanto árvores anêmicas exalam um odor pútrido e fungos crescem ao redor da mansão, intensificando a atmosfera decadente. Há também um vapor místico que se forma no lago silencioso, mas igualmente aterrorizante, próximo à residência. Tais descrições contribuem para a construção de um ambiente claustrofóbico, que evocam no narrador sentimentos de “frio na alma, uma vertigem, uma náusea profunda” (Poe, 2017, p. 54). Em meio a esse cenário, ele conclui que:

Embora, sem dúvida, existam combinações de objetos naturais prosaicos capazes de nos afetar dessa forma, não obstante a análise desse poder jaz muito além de nossa compreensão. Era possível, refleti, que tão somente um arranjo diferente dos componentes da cena, dos detalhes da imagem, bastasse para modificar ou, quiçá, anular sua capacidade de gerar uma impressão pesarosa (Poe, 2017, p. 54).

A ida à casa de Usher tinha como objetivo a visita ao seu amigo doente. O narrador revela que o anfitrião luta para superar uma agitação nervosa e se encontra imerso em paranoias que afetam sua existência. Enfrenta dificuldades para realizar tarefas cotidianas como comer, apresenta exacerbada rejeição às texturas, o cheiro das flores lhe causa repulsa, e até mesmo a presença da luz para ele se transforma em tormento. Enfim, o personagem se encontra à mercê de um terror colossal.

Paralelo aos vislumbres do narrador, Roderick Usher demonstra que as impressões supersticiosas que nutre em relação a sua residência, da qual não ousara sair por muitos anos, era uma manifestação da profunda influência na forma e na substância da mansão familiar que, por efeito de longos sofrimentos, se apoderaram de seu espírito: “um efeito que a composição das paredes dos torreões cinzentos e do lago turvo onde a mansão se refletia havia, por fim, incutido no ânimo de sua existência” (Poe, 2017, p. 59).

A casa na literatura é frequentemente apresentada de maneira complexa. Sua função transcende a de estrutura concreta destinada à habitação, para evocar uma miríade de sentimentos, pois, conforme cita Gaston Bachelard em *A poética do espaço*, “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (Bachelard, 2005, p. 243). Não somente isto, a casa também pode ser representada como extensão metafórica dos personagens que a habitam, pois “a casa em que um homem vive é um prolongamento deste. Descrevê-la é descrever seu ocupante” (Wellek; Warren, 1976, p. 275).

Bachelard argumenta que a casa pode ser lida como um reflexo da alma, permitindo a expressão do íntimo dos personagens que a habitam. Na análise dos aspectos simbólicos que dão significado aos espaços, é possível verificar a relação complexa que estes desempenham com os personagens da trama, revelando muito sobre suas experiências emocionais. A residência dos Usher é descrita como uma imensa e obscura mansão, com paredes altas e antiquadas, cuja localização remota, em meio a árvores ameaçadoras, simboliza o confinamento de quem ousa deslocar-se a tal lugar e evocam sensações de claustrofobia.

Ao atravessar a porta e adentrar na residência, o visitante realiza o ato simbólico de mergulhar no interior psíquico dos habitantes. A sala de estar, tradicionalmente um espaço de socialização, inicialmente cumpre essa função, com tentativas de atividades como pinturas e leituras. No entanto, a mente perturbada presente no ambiente torna essas práticas difíceis. O quarto, que deveria ser um refúgio de repouso e tranquilidade, uma cela de intimidade para proteger o homem, transforma-se em um cenário de medos inimagináveis.

O narrador sente-se vulnerável e exposto aos horrores que a residência abriga. O porão é descrito por Bachelard como “o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas” (2005. p. 204), local onde há escuridão dia e noite, no qual a loucura é enterrada e os dramas são murados. Sua presença é de extrema importância para a construção simbólica da narrativa.

Por isso, é possível ler a narrativa sob o ponto de vista da relação de interdependência que o ambiente e humor do anfitrião possuem. À medida em que a casa dispõe influência sobre sua psique, esta também reflete sua deterioração mental e espiritual. Tal recurso funciona para acentuar a atmosfera de horror que permeia o conto. O ambiente funciona como representação simbólica das feridas da alma do personagem.

2. Sombras ancestrais: o legado psíquico dos Usher

Para a construção de uma análise que busca observar o declínio mental de Roderick Usher como reflexo da repressão das sombras familiares, é imperativo compreender o conceito

da sombra, desenvolvido por Carl Gustav Jung. O psiquiatra refere-se, com este conceito, aos aspectos inconscientes da personalidade que o ego consciente não reconhece em si mesmo. Essas características podem incluir impulsos, desejos, fraquezas e comportamentos que uma pessoa considera inaceitáveis ou vergonhosos, muitas vezes devido a normas sociais ou valores pessoais. Como resultado, esses aspectos são reprimidos e relegados ao inconsciente. A sua formação é influenciada por sistemas sociais e culturais como família, escola, igreja, relações afetivas, que em conjunto criam um ambiente complexo no qual é ensinado quais comportamentos são aceitáveis e quais são vergonhosos (Jung, 2015).

Zweig e Abrams (2011) discorrem que “todos os sentimentos e capacidades que são rejeitados pelo ego e exilados na sombra contribuem para o poder oculto do lado escuro da sombra” (p. 16). Por esse viés, a sombra pessoal compreende diversas potencialidades que não foram expressas nem desenvolvidas, representa uma parte do inconsciente que complementa o ego e que abarca aspectos que a personalidade suprime, até que sejam redescobertas em confrontos desagradáveis com o outro.

O lado obscuro da personalidade se apresenta como uma forma útil de compreender o que o homem tenta negar, e que não pode ser completamente contido. John P. Conger (2011) define a sombra como a parte reprimida do ego, representando aquilo que o indivíduo é incapaz de reconhecer em si mesmo. Ele disserta acerca do corpo como reflexo da sombra e afirma que “o corpo que se oculta sob muitas roupas muitas vezes expressa de modo flagrante aquilo que conscientemente negamos” (Conger, 2011, p. 107).

Nesse sentido, segundo o mesmo autor, o corpo registra os lados obscuros recalcados revelando o que não se pode exprimir em palavras e descortinando medos presentes e passados. O autor cita Jung ao afirmar que psique e matéria são dois aspectos diferentes de uma mesma coisa. O corpo torna-se então reflexo dessa sombra, pois contém as histórias trágicas de como o fluxo espontâneo de energia vital é reprimido, até que ele se transforma em um objeto morto.

No contexto da obra, Roderick Usher é apresentado como uma pessoa reclusa, envolvida por segredos e mistérios familiares. O personagem encontra-se fragilizado por suas perturbações internas. Ele afirma que parte de sua peculiar doença deriva do que acredita ser a influência da residência sobre seu ânimo, mas também de origens naturais, consequência da preocupação extrema com a grave e crônica enfermidade de sua irmã, sua única companheira, que se reflete tanto na sua saúde mental quanto na aparência física.

Nesse sentido, no momento em que avista Usher, o narrador é tomado por um profundo horror, sua alma se estarrece ao contemplar o semblante transformado de seu antigo amigo. Ele reflete, perplexo, acerca das forças ocultas que poderiam tê-lo desfigurado tão radicalmente, e tal situação o faz cogitar dúvida acerca da identidade do anfitrião, que apresenta uma palidez sinistra, olhos assustados, “o cabelo sedoso crescera sem ser aparado e, em sua textura fina de teia, parecia mais flutuar do que cair ao redor do rosto, impossibilitando-me de, mesmo com esforço, associar sua aparência arabesca com a de um ser humano” (Poe, 2017, p. 58).

Além de sua aparência anormal, que se apresenta como um retrato tátil de sua miséria, a narrativa expõe como Roderick abdica por completo de suas responsabilidades pessoais, sua vida e seus atos, tornando-se uma visão distorcida de si mesmo, com corpo e emoções em

tumulto. Suas perturbações mentais estão cada vez mais amplificadas, e o resultado é um homem adoecido, vivendo na escuridão. Essas questões se refletem diretamente no seu bem estar:

Muitas pessoas parecem acreditar que a sombra é invisível e se esconde em algum lugar nos recessos da nossa mente. Mas os que trabalham regularmente com o corpo humano e conseguem ler a sua linguagem muda são capazes de ver nele a forma escura da sombra. Ela se esboça nos nossos músculos e tecidos, no nosso sangue, nos nossos ossos. Toda a nossa biografia pessoal está contada no nosso corpo, e é nele que os que conhecem a sua linguagem podem lê-la (Zweig; Abrams, 2011, p. 106).

Mesmo com a incerteza quanto ao destino de sua irmã e com a piora do quadro dela, Roderick tenta manter uma rotina normal na companhia de seu amigo. Mas quanto mais este adentra em seu íntimo, mais percebe o pesar que permeia sua vida. As palavras do narrador refletem essa batalha interna: “O quanto inglórias eram minhas tentativas de alegrar uma mente cuja escuridão, como uma outra virtude inata, derramava sobre todos os objetos do universo moral e físico, em uma incessante irradiação de pesar” (Poe, 2017, p. 60). O excerto descreve a luta em vão do amigo em oferecer um pouco de ânimo para uma pessoa em completa escuridão.

A consciência de uma pessoa enferma é alterada, seu pensamento é restringido e seus sentimentos são expressos de maneira desordenada: “Quanto mais doente fica, mais acha que seus problemas são causados por forças externas” (Pierrickos, 2011, p. 111). Roderick Usher vê a vida de forma tão distorcida que acredita fielmente que a casa é responsável por seu mal-estar, conforme o narrador descreve: “o resultado era perceptível, acrescentou ele, na silenciosa, embora inconveniente e tenebrosa, influência que, ao longo dos séculos, moldara os destinos de sua família e o transformara no indivíduo que eu agora contemplava” (Poe, 2017, p. 64).

Apesar de o leitor desconhecer os segredos escondidos e reprimidos pela família Usher, alguns aspectos da narrativa deixam em aberto a possibilidade de algum segredo obscuro dominar os habitantes da casa e os comportamentos de cada um: “havia ocasiões, na verdade, em que eu julgava que a sua mente incessantemente agitada estava em luta com algum segredo opressivo, para cuja divulgação ele procurava a coragem necessária” (Poe, 2017, p. 66). Roderick comenta que sua doença se trata de um mal que atravessa durante anos a história da família, como se fosse uma espécie de maldição que transcende os simples limites do corpo:

Cada um de nós tem uma herança psicológica que não é menos real que nossa herança biológica. Essa herança inclui um legado de sombra que nos é transmitido e que absorvemos no caldo psíquico do nosso ambiente familiar. Ali estamos expostos aos valores, temperamentos, hábitos e comportamentos dos nossos pais e irmãos. Com frequência, os problemas que nossos pais não conseguiram resolver em suas próprias vidas vêm alojar-se em nós sob a forma de disfunções nos padrões de socialização (Franz, 2011, p. 69).

A família Usher não apresentava ciclos de vida duradouros, pois a árvore genealógica das gerações possui apenas uma única linha direta de descendência; salvo poucas exceções irrelevantes, os gêmeos Usher são os últimos integrantes que restaram. O narrador acredita que este seja o motivo da decadência em que a família se encontra, a falta de diversidade de progenitores e a consequente transmissão invariável de pai para filho. Deste modo, a ruína iminente se aproxima com o passar dos dias, visto que ambos estão doentes: o irmão enlouquecendo psicologicamente e a irmã enfraquecida fisicamente.

Dessa forma, o irmão Usher possivelmente está com sua psique sobrecarregada por sombras que permeiam seu contexto familiar, o qual moldou e trouxe a repressão de sentimentos e comportamentos. "O lar é o nosso ponto de partida, disse T. S. Eliot. E a família é o palco onde encenamos a nossa individualidade e o nosso destino. A família é o nosso centro de gravidade emocional" (Zweig; Abrams, 2011, p. 69). Consequentemente, este personagem passou por um processo de introspecção de partes da personalidade, de maneira inconsciente, mas que agora emerge como paranoia, medo da morte e melancolia.

A própria casa é a personificação dessa sombra, tanto a familiar como a sua própria; as paredes guardam vestígios, sua edificação sombria reflete diretamente o obscuro do personagem. Neste sentido, é possível afirmar que sua residência representa tudo o que o personagem tenta reprimir, e por esse motivo sua existência o afeta tanto. A estranha nomeação "Casa de Usher" sugere que os camponeses vizinhos consideram que a residência e a família são uma entidade única, ligada indissoluvelmente.

Com isso, há uma grande incapacidade de libertação, pois são séculos de um ambiente disfuncional e opressor envolvendo a energia vital dos moradores da casa. A própria maneira atípica de reclusão na residência demonstra o aspecto perturbador de estranheza no convívio ou tradições familiares, como bem reflete o narrador: "enquanto especulava sobre a possível influência que um, na longa ronda dos séculos, podia ter exercido sobre o outro" (Poe, 2017, p. 55).

3. Anima e Sombra: o confronto na ruína interna

O narrador do conto afirma que os livros, que durante muitos anos foram parte integrante de seu intelecto, agora estão em sintonia com seu caráter fantasmagórico e influenciam o hipocondríaco. As leituras melancólicas e fantasiosas contribuíram para a distorção de sua personalidade, criando um contraste com o 'Eu' não-vivido, gerando uma energia psíquica reprimida que se manifesta em distúrbios mentais. O convidado representaria o lado positivo da sombra, "a vida não vivida", o aventureiro: "Essa figura provavelmente representa a capacidade negligenciada do sonhador de gozar a vida e o lado extrovertido de sua sombra" (Franz, 2011, p. 58).

Assim, o amigo de infância carrega essa parte mais positiva da personalidade do Usher, mas que foi afastada, porém agora retorna para um confronto simbólico: "tocar a personalidade da Sombra significa receber uma infusão de energia nova, ou seja, a energia da juventude" (Sanford, 2011, 51-52). A morbidez e a desgraça hereditária estimulam cada vez mais a

decadência do personagem, que se vê em um mar de desespero sem solução, assim como na pintura de sua autoria, na qual nenhuma saída era visível no túnel, e apenas uma luz fantasmagórica surgia como um sinal assombroso. Roderick está sucumbindo à loucura devido ao medo de perder a irmã. Porém, mais do que isso, esse cenário pode se relacionar com o enfraquecimento da conexão com a anima.

Depois da metade da vida, no entanto, a perda permanente da anima significa uma diminuição progressiva de vitalidade, flexibilidade e humanidade. Em regra geral, disso vai resultar uma rigidez prematura, quando não uma esclerose, estereotipia, unilateralidade fanática, obstinação, pedantismo ou seu contrário: resignação, cansaço, desleixo, irresponsabilidade e finalmente um ramolissement infantil, com tendência ao alcoolismo. Depois da metade da vida deveria restabelecer-se, na medida do possível, a conexão com a esfera da vivência arquetípica (Jung, 2016, p. 147).

A desconexão com esse arquétipo causa uma deterioração do indivíduo e desequilíbrio psíquico; consequentemente, a sombra encontra mais liberdade para emergir e dominar a psique. Assim, a anima representa o aspecto feminino da psique masculina, que proporciona bem-estar emocional, intuição e uma conexão mais profunda com o inconsciente coletivo. Representa uma imagem arquetípica da feminilidade e um mediador entre o consciente e o inconsciente de um homem. Portanto, para Jung, cultivar uma relação saudável com a anima evitaria que a sombra possuísse o indivíduo.

No conto, a lady Madeline pode ser a personificação da anima e o conflito do personagem constitui a luta para integrá-la no self⁷. No entanto, a jovem moça parece exercer uma influência negativa sobre o irmão, levando a um apego emocional quase doentio. Isso pode ser atribuído à forte ligação fraterna ou à sugestão de uma possível relação incestuosa, uma vez que a família valorizava a pureza da linhagem, o que poderia indicar envolvimentos entre parentes consanguíneos.

A conexão com a esfera da vivência arquetípica não acontece, já que processo de individuação⁸ se encontra comprometido pela negatividade da sombra, que se alastrá na vida do personagem através da repressão de sentimentos e de parte da personalidade, contribuindo para desequilíbrios ou conflitos internos na psique. As obsessões fúnebres de destruição, devido aos seus ideais fantasiosos contidos nos livros, intensificam a situação deplorável em que se encontra, dominando a mente e o pensamento: “um idealismo exaltado e altamente inquietante lançava um brilho cintilante por cima de tudo” (Poe, 2017. p. 60).

⁷ O "self" é considerado a totalidade da psique, o centro da personalidade, isso inclui o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. É essencial no processo de individuação e equilíbrio pessoal. Dessa forma, é um arquétipo universal, comumente associado à imagem da mandala, que simboliza a busca pela integração plena da personalidade e a harmonia interna (Jung, 2015; Jung, 2016).

⁸ O conceito de *individuação*, em Carl Jung, se refere ao processo pelo qual uma pessoa se torna consciente de si mesma como um indivíduo único e distinto, integrando os diferentes aspectos de sua psique em um todo equilibrado. Esse processo envolve a reconciliação entre o ego consciente e os conteúdos do inconsciente (Ver mais em Jung, 2016)

Nesse sentido, a emoção descontrolada pode ser concebida como possessão (Jung, 2016, p. 387). Desde antes da era moderna, existe a crença de que forças externas sobrenaturais podem controlar alguém, ou que o ser humano pode ser dominado pelo seu “monstro interior” que busca libertação, simbolizando a sombra oculta da personalidade. A ressurreição envolve forças além do entendimento humano, a casa exerce uma influência maligna, seja sobrenatural ou psicológica, pela consciência familiar presente em sua memória histórica. A possessão por demônios ou espíritos faz parte do inconsciente coletivo elucidado por Jung:

A alma ou espírito dos falecidos é o mesmo que a atividade psíquica dos vivos; é sua continuação. A ideia de que a psique é um espírito está implícita nisso. Quando algo de psíquico ocorre no indivíduo e este sente que o fenômeno lhe pertence, trata-se de seu próprio espírito. No entanto, se algo de psíquico lhe ocorre como algo estranho, trata-se de um outro espírito que talvez possa causar-lhe uma possessão. No primeiro caso, o espírito corresponde à atitude subjetiva, no último, à opinião pública, ao espírito da época ou à disposição originária ainda não humana, antropoide, que também chamamos inconsciente (Jung, 2016, p. 388).

Paralelamente, Roderick Usher experimenta fenômenos psíquicos que parecem estranhos e fora de seu controle, como sua extrema sensibilidade e seus ataques de pânico, o que poderia ser uma possessão emocional. No contexto do conto, o personagem é perturbado por seus medos e ansiedades projetados externamente. Esses também podem ser vistos como eventos paranormais, sugerindo que ele está sendo influenciado por um "outro espírito" — talvez a presença de sua irmã Madeline ou o espírito da casa, que carrega em seu entorno a energia psíquica dos antigos residentes.

Por fim, o grau de enfermidade fez Madeline perecer, e seu irmão, já em estado psicótico, com a ajuda do amigo, guardou prematuramente o cadáver por duas semanas em uma espécie de cripta, logo abaixo dos aposentos do visitante, que havia sido construído com propósitos de funcionar como cárcere na época feudal, fato que contribui para o aspecto bizarro do cômodo. Essa câmara subterrânea lembra os símbolos do inconsciente em muitas representações coletivas, comumente associada ao oculto e ao desconhecido.

Dessa maneira, alegoricamente, há um aprisionamento e distanciamento da anima. Isso permite a manifestação de sentimentos conflitantes e desesperadores: “a sombra não é feita apenas de omissões. Ela se mostra, com bastante frequência, em nossos atos impulsivos ou impensados. Antes que tenhamos tempo de pensar, a observação desastrosa foi feita, a trama foi urdida, a decisão errada foi tomada” (Franz, 2011, p. 57). Assim, a cena final é marcada por uma forte tempestade e a leitura de um livro no qual o enredo se confunde com os barulhos na casa. Roderick afirma ter ouvido os gritos e sons assustadores há alguns dias, mas apenas ignorou, justificando o que pensava se tratar de alucinações.

Somente quando o hóspede demonstra conhecimento da situação estranha, ele enfim reconhece e admite a tenebrosa verdade que o deixa em pânico e desespero: enterrou sua irmã viva. Essa atitude impulsiva fortalece o clima macabro e promove a maior degradação de Usher: “O rosto dele exibia, como de costume, uma lividez cadavérica; mas, além disso, havia uma

espécie de euforia maníaca em seu olhar e uma histeria contida no seu comportamento" (Poe, 2017, p.67).

Embora o enfermo tenha percebido sinais de vida da moça após o sepultamento, não teve coragem de admitir ou agir sobre isso, por medo e culpa. Essa atitude tem consequências desastrosas e indesejadas: a visão final de sua irmã frente a frente com ele, simboliza o colapso definitivo da mente de Roderick, que cai morto juntamente com o corpo da defunta, enquanto a casa desaba, consolidando a ruína completa da residência Usher. Esse cenário culmina na atmosfera de terror e mistério do conto, destacando também o tema da hereditariedade psicológica. Roderick Usher pode ser interpretado como alguém que luta contra sua sombra, sendo eventualmente consumido por suas emoções e medos não integrados, o que resulta em uma profunda desarmonia interna, ou seja, uma falha no processo de individuação. Sua deterioração mental e física representa a luta contra sua própria sombra.

Conclusão

A análise do conto "A queda da casa de Usher" à luz do arquétipo da sombra buscou evidenciar a influência quase sobrenatural que a residência exerce sobre seus moradores. Roderick Usher atribui responsabilidade à edificação por sua deterioração física e mental, as paredes guardam vestígios dos fantasmas familiares que por muito tempo se mantiveram no seu íntimo. Porém, a sombra emergiu, e o que foi reprimido é liberado de forma catastrófica, travando batalhas com o ego. Essa liberação se manifesta através de doenças físicas e mentais, além de um horror irracional.

A narrativa explora a decadência do homem imerso em trevas, desvendando as facetas do inconsciente e os sentimentos contraditórios e primitivos que compõem a complexidade do ser. Os mistérios que cercam a decadente família Usher, cujos únicos descendentes restantes são Roderick e Madeline, sugerem relações incestuosas e destacam a destruição do núcleo familiar que permeia a trama. Roderick atinge o ápice da desrazão ao enterrar sua irmã viva, simbolicamente sepultando uma parte de si mesmo. A mansão desmorona em consonância com a decadência física, mental e moral de seus residentes.

Edgar Allan Poe expõe a destruição do homem imerso nos mistérios da mente e introduz um personagem movido por impulsos fatais, que acabam sucumbindo, como consequência de horrores iracionais. Os aspectos reprimidos da mente, que por muito tempo funcionaram como um abrigo, protegendo-o de julgamentos alheios, acabam se transformando em sua ruína.

Referências

- BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CONGER, John P. 1994. O corpo como sombra. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Org.). *Ao Encontro da Sombra: o Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 107-110.

FRANZ, Marie-Louise von. A percepção da sombra nos sonhos. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Org.). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 57-60.

JUNG, Carl Gustav. *Sobre sentimentos e sombras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PIERRAKOS, John C. A anatomia do mal. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Org.). *Ao Encontro da Sombra: o Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 110-113.

POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: medo clássico*, volume II. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017, 250p. v. 2.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 6º. ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1997.

SANFORD, John A. Dr. Jekyll e Mr. Hyde. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Org.). *Ao Encontro da Sombra: o Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2011. p. 52-57.

WELLEK, René: WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 3ª ed. Biblioteca Universitária, 1976.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (org). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

Data de submissão: 31/08/2024

Data de aceite: 15/04/2025